ANO 32.º Sábado, 10 de Fevereiro de 1940 N.º 1615

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

O grasnar dos corvos

—x—

São muito vulgares entre nós certas categorias de indivíduos que se entretêm, como pordesporto, a dizer mal de tudo—do que se faz e do que se não faz. Malsinam as melhores intenções, espalham terríficos boatos, anavalham reputações, pintam escuro o que é claro, numa palavra: são autênticos *conspiradores*—cujo contacto é extrèmamente perigoso.

Quem são êstes indivíduos? Qual é a sua categoria social? Qual é a sua profissão, o seu credo, a sua ideologia política?

Há de tudo, em pasmosa e inexplicável confusão, até o infalível comunista. Vê-se o intelectual e o semi-analfabeto que tudo discute sem nada saber e compreender. Enfim: há entre êles indivíduos de profissão definida, mas há muitos que ninguém sabe como conseguem levar a vida ociosa que estadeiam nos *Cafés* e demais centros de cavaco e de conjura. A uns os move o despeito, o interêsse ilegítimo ferido; a outros a vaidade e a mania das grandezas; a êstes o vício inveterado de tudo deformar e deturpar; àqueles—não se sabe bem o que os lança no caminho perigoso da conspiração.

Desunidos, opostos, mesmo, na finalidade ideológica, não é fácil compreender o que sairia da sua conjura se possível fôsse tornar-se causa real e tangível. O estranho conúbio destas pessoas só pode ter uma explicação—o ódio que votam sistemàticamente às regras de moralidade e às realizações honestas que visam o engrandecimento da Pátria e o progresso do bem comum.

Inimigos declarados da boa ordenação das coisas—êles aproveitam tôdas as circunstâncias difíceis da vida nacional e internacional para avolumar as dificuldades, para as inventarem mesmo; êles semeiam descontentamentos e inventam perigos que só existem na sua doentia imaginação.

Certamente, a guerra que se vem ferindo há cinco mêses não podia deixar de ter os seus reflexos entre nós. Todo o comércio marítimo foi afectado pela guerra e o Estado, previdentemente, teve de tomar as suas medidas para evitar que o desiquilíbrio das contas públicas voltasse a ser uma das normas da vida pública, como o havia sido em todo o século XIX e no primeiro quartel dêste século. Algumas matérias primas e manufacturas de importação escassearam ou faltaram mesmo, alguns preços de determinadas mercadorias sofreram oscilações, aliás, no que se refere às nacionais, bem pouco sensíveis.

A nossa situação de hoje nada tem de comparável à de 1914 e não sofre confronto também com o que se vê noutros países neutrais, sujeitos agora a rigorosas privações e acentuada carestia no preço da vida. Não há entre nós nem açambarcamentos nem especulações criminosas por aí além—porque a isso se opõem a lei e o zelo das autoridades. E, no entanto, os conspiradores profissionais transfiguram o quadro, agrupam os descontentes, alarmam os pobres de espírito.

Pode-se, porventura, tolerar esta actividade criminosa? Não, não e não! Jàmais—dada a acuidade da situação internacional. E' à opinião pública esclarecida, tanto como ao Govêrno, que compete combater com rude energia o vício da conspirata que nenhum motivo sério justifica e que não visa objectivos superiores de interêsse colectivo.

Espantemos os corvos!

J. C.

Efemérides

10 de Fevereiro

1883—Sai em Luanda um jornal intitulado *O Farol do Povo*.

1906—O rei D. Carlos é recebido no Teatro da Opera, em Lisboa, sem as costumadas cortesias da plateia, que se deixa ficar sentada ao vê-lo entrar no camarote real.

1910—Publica-se o 1.º número da *Alma Nacional*, do dr. António José de Almeida.

Frota bacalhoeira

Estão pronto a largar para a Terra Nova logo que as marés o permitam, os dois arrastões da Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da, que assim iniciam as suas campanhas anuais.

Muitas felicidades.

A crise do papel

—.—

Devido à impossibilidade dos jornais da provincia terem grandes reservas de papel, por falta de capitais, o remédio que a maioria está adoptando, como defesa, é a redução para duas páginas, visto o sinal de alarme não ter sido ouvido por quem de direito...

Pouca sorte.

O inverno

—o—

Tem sido rigoroso e aturado pelo que os prejuízos, em alguns pontos do país, atingem já somas importantes.

Entre nós o volume das aguas da ria também aumentou; mas o Vouga, êsse, espalha-se, como um lençol, sobre os campos, inundando-os completamente.

E é que não ha nenhuma volta a dar-lhe.

Dr. Jaime Silva

—o—

Vão-se acentuando cada vez mais as melhoras do nosso ilustre conterrâneo, pelo que as noticias espalhadas a êsse respeito enchem de satisfação os seus verdadeiros amigos, que anseiam por o ver completamente restabelecido.

O Democrata pertence ao número, colocado na vanguarda.

Até que enfim!

Aquela casa enegrecida como o interior duma chaminé por ter estado muitos anos sem ser caiada e que tanto destoava no local, próximo à Sé, ao virar da esquina para a rua do Rato, lá apareceu—graças!—com o frontespício em branco!

Não sabemos—nem isso interessa—quem pagou a despesa. Quer o proprietário, quer o inquilino podem bem com ela. No entanto seria excelente que todos os aveirenses, nas mesmas condições, olhassem pelos seus prédios, não os deixando chegar ao estado vergonhoso em que se via êste.

Êste número foi visado pela Censura

Dr. Joaquim de Azevedo e Castro

—o—

Acaba de ser promovido a desembargador da Relação do Pôrto o nosso presado e velho amigo, dr. Joaquim António de Azevedo e Castro, que há anos desempenhava as funções de juiz da 3.ª Vara do Tribunal da Boa Hora, em Lisboa, onde também deixa assinalado o seu nome pela maneira como distribuiu justiça. É que o dr. Azevedo e Castro pertence ao número dos magistrados de carácter integro e consciência recta, como se tornou conhecido entre a família judicial.

Um abraço muito apertado de parabens.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

IMPRENSA

O Desforço

Atingiu o seu 47.º ano êste confrade de Fafe, que o velho Artur Pinto Bastos ainda dirige com fé inabalável nos destinos da Rèpública, de que foi, como nós, um esforçado propagandista, e como nós a deseja ver prestigiada, sem deixar atrás os interesses da terra por cujo engrandecimento pugna e se bate denodada, entusiasticamente.

O Desforço! Quarenta e sete anos de vida!

Se alguem soubesse o que isso representa em trabalho — e já não dizemos em sacrificio — quer-nos parecer que outra seria a situação do jornal que, a-pezar-de tudo, persiste em caminhar, tendo por único objectivo ser útil... aos outros!

A imprensa da provincia!

Como continuam a compreende-la mal!

Mas deixemos as divagações. Aceite *O Desforço* os nossos cumprimentos pelo aniversário que acaba de passar e Artur Pinto Bastos um cordeal abraço extensivo a quantos o auxiliam na espinhosa tarefa a que se tem dedicado de alma e coração.

Ocidente

Saiu outro número, o 22, correspondente ao mês que decorre e cuja colaboração continua a interessar por variada e selecta.

É uma excelente revista portuguesa, esta.

Por causa da barra...

Noticia *O Concelho da Murtosa* que vai ser apresentada à Junta Autónoma uma representação em que a maioria dos proprietários do Bunheiro pede para se proceder o mais depressa possivel às obras de defesa contra a invasão das aguas salmoirentas da ria, que tanto estão prejudicando os juncais daquela região, como já por varias vezes temos referido.

E' de esperar o melhor acolhimento.

Cadáveres arrolados

—o—

No fim da semana passada apareceram na praia de S. Jacinto dois maritimos mortos que pertenciam, segundo se averiguou, a um vapor grego naufragado.

Receberam sepultura nesta cidade.

AVEIRO-VIANA

Entre as direcções do *Club dos Galitos*, desta cidade, e do *Sport Club Vianense*, de Viana do Castelo, foram ultimamente trocados os seguintes ofícios:

«Aveiro, 25 de Janeiro de 1940

Ex.ma Direcção do Sport Club Vianense

Viana do Castelo

A Direcção do Club dos Galitos, da minha presidência, empossada no dia 17 do corrente, deliberou, na sua primeira sessão, saüdar a Direcção dessa simpática colectividade e, por vosso intermédio, o povo da cidade de Viana, a quem Aveiro, e especialmente o Club dos Galitos, consagra uma grande amizade e estima.

Com os mais ardentes votos pelas prosperidades dêsse Club e pelas maiores felicidades de V. Ex.as, subscrevo-me com a mais alta consideração,

De V. Ex.as atenciosamente

O Presidente da Direcção do Club dos Galitos

(a) Henrique dos Santos Rato»

Viana do Castelo, 1 de Fevereiro de 1940

Ex.mo Sr. Presidente da Direcção do Club dos Galitos

Aveiro

Ex.mo Senhor:

Foi imensamente grato à Direcção do Sport Club Vianense, *que represento, tomar conhecimento, na sua primeira sessão anual, do amável e penhorante oficio que V. Ex.a se dignou enviar-nos.*

Agradecendo sinceramente as palavras amigas que nos são dirigidas, cumpre-nos retribuir as saüdações e votos formulados por V. Ex.a e que também são destinados ao povo desta cidade. Desejamos, pois, muito ardentemente, que à vida do glorioso Club dos Galitos *nunca faltem as prosperidades que merece—a bem da vossa colectividade e a bem de Aveiro.*

Reiterando a nossa cordeal estima de sempre, somos com as mais fervorosas saüdações

De V. Ex.a

At.os V.ores e obrigados

O Director-Secretário

A. Couto

Aveiro-Viana — diz agora o decano dos jornais do Minho, *A Aurora do Lima*—É esta a frase, já tradicional, para se poder avaliar da amizade que une as duas cidades — as esbeltas Princezas do Vouga e do Lima. Todos conhecem os vínculos dessa afeição, de como ela mais e mais se estreitou pelos anos fora, desde que aqui vieram, em grandiosa excursão, as tricaninhas de Aveiro, que nos deliciaram com um magnífico espectáculo no teatro Sá de Miranda. Aveiro vinha representado pelo escol do que de melhor ali há em tôdas as classes.

Depois seguiram-se outros passeios, figurando nas comissões de recepção o prestimoso *Sport Clube Vianense*, colectividade que marcou sempre, com gentileza e fidalguia, nas festas em que a sua acção se tornava necessária. Marcou e marca pelo seu inquebrantável prestígio.

Viana associava-se, de alma e coração, a essas festas e a amizade entre as duas cidades mais e mais se foi enraizando, e de tal maneira que hoje Viana tem Aveiro no coração e Aveiro paga-lhe na mesma moeda. Lá está o *Club dos Galitos* a manifestá-lo nas suas fidalgas e fraternais resoluções.

Sim, presadissimo colega. As duas terras, mercê da simpatia que as traz unidas, estimam-se tanto que há-de ser difícil quebrar os elos da sua afeição. Por isso o *Club dos Galitos* e o *Sport Club Vianense*, avivando reciprocamente a amizade entre os dois povos, não fazem mais do que manter com galhardia as relações de afectividade entre o poético Vouga e o sorridente Minho.

Os lucros de guerra...

Transcrevemos do nosso presado colega *O Concelho da Murtosa*:

Todos os negócios prosperam, todos os ramos da actividade humana auferem lucros com a guerra, menos a imprensa, a pobre imprensa da província, que não pode aumentar o custo das assinaturas nem dos anúncios, enquanto a matéria prima essencial à sua existência sobe de preço, todos os dias, descaradamente.

Já aqui o dissemos e repetimo-lo hoje: ai dos jornais pequenos se o govêrno não lhes acode!

Há-de acudir. Mas quando a maior parte dêles tiver desaparecido.

Mudança de casa

Participa-nos a Direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Cerâmica o Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro a mudança da sua séde para a Rua do Cais onde continuará trabalhando pela dignificação do Estado Novo Corporativo, segundo afirma.

Pois que seja por muitos anos e com proveito para a classe.

Procissões dos Passos

—x—

Devem sair ainda êste ano as duas, não obstante os desejos manifestados pelo sr. Bispo em acabar, de vez, com o desacordo nas freguesias onde se realisam.

Somos da mesma opinião.

Portugal e seu Império

—o—

O S. P. N. acaba de publicar o boletim *Portugal*, em língua espanhola e francesa, inteiramente dedicado à viagem que no verão do ano passado o snr. Presidente da Rèpública fêz às províncias portuguesas do Ultramar.

A primeira parte do referido número encerra valiosos elementos para o conhecimento completo do Império Colonial Português, fornecendo numerosos dados bem como extractos do Acto Colonial, tudo com o fim evidente de levar os povos de língua espanhola ao conhecimento da verdade a respeito do Portugal de Ultramar. A segunda parte contém a reportagem da viagem triunfal do snr. General Carmona, a qual, nesta hora conturbada que o mundo atravessa, nos é grato recordar. Há anos já que o falar em espaço vital se tornou um lugar comum, tantas vezes irritante. Portugal não pode queixar-se dessa falta, porque a bandeira das Quinas flutua em muitos milhares de quilómetros quadrados de terreno em que a soberania portuguesa é reconhecida indiscutivelmente. Durante muitos e muitos anos tais possessões foram consideradas pelos portugueses de tôdas as classes (àparte as honrosas excepções que todos conhecemos) como vastos domínios que a inércia nacional se considerava impotente para explorar.

E assim germinou em alguns cérebros incandescidos a ideia peregrina de alienar algumas das mais ricas Províncias do Império para fazer face dêsse modo ao tremendo papão do *déficit*. Felizmente que o bom senso de muitos evitou tal atentado de lesa-integridade do território nacional. Porque se então o *déficit* fôsse liquidado é mais que certo que anos volvidos de novo voltaria a figurar com tôdas as honras no Orçamento Geral do Estado, e então para nunca mais, pois já não haveria domínios que nos valessem para o extinguir novamente.

Com Salazar entraram na ordem do dia dois princípios salutares: o da possibilidade de extinção do *déficit* sem o recurso a meios que brigassem com a dignidade nacional, e a doutrina de que os nossos Domínios do Ultramar fazem parte integrante da Nação Portuguesa, e, como tal, são inalienáveis.

Não bastava, porém, que a doutrina fôsse exposta. Urgia que se pusessem em prática os princípios salutares, e assim a Revolução Nacional já chegou aos lugares mais remotos do Império, os quais sentem hoje a consciência plena do que valem a dentro da Comunidade Portuguesa.

Tampouco bastava que Portugal e os portugueses tivessem a noção do facto. Numa hora em que a cubiça alheia se estendia pela África além tornava-se sobretudo necessário e urgente que afirmassemos ao mundo a solidariedade perfeita que hoje existe entre tôdas as partes do Império e que tal solidariedade se manifestasse indo até ao passado buscar o elo a que ligar a doutrina que hoje defendemos. De tal concepção nasceram as duas viagens presidenciais em 1928 e 1939. O que elas foram está na lembrança de todos. Os seus frutos começaram, em breve, a ser colhidos. Para

A CINZA

—.—

Por causa do mau tempo não saiu, quarta-feira, a anunciada procissão, que costuma atraír muitos milhares de pessoas de fora, movimentando extraordinàriamente a cidade.

Foi pena. Mas, no entanto, se o tempo o permitir, sairá àmanhã.

CARTA DE LISBOA

8 de Fevereiro de 1940

A reforma da Armada

Com a última nota oficiosa publicada recentemente pelo Govêrno sôbre os novos vencimentos da Armada veio pôr-se termo a uma exploração posta a correr desde a publicação da reforma.

Com intuïtos mais ou menos fáceis de entender pretendia-se fazer acreditar que houvera uma grande reducção de ordenados principalmente nos pequenos graduados. E cantava-se a área da lamentação dos pobres dos marujos que tinham ficado quási na miséria, percebendo honorários verdadeiramente insigrificantes. Vai daí o Govêrno pôs os pontos nos ii, estabelecendo completamente a verdade.

Dêste modo pôde verificar-se que pela nova reforma um cabo fica ganhando nada mais nada menos de 600$00; um primeiro marinheiro 550$00 e um segundo marinheiro 500$00—os ordenados que ordinàriamente ganham os empregados da nossa classe média.

Quer dizer: longe de terem ficado na miséria, como alguns queriam, ganham o suficiente para viver e até sustentar uma pequena família com alguma decência.

Mais uma vez foi posta a nú a inconsistência e boa intenção de certas lamentações, já desacreditadas por muito conhecidas.

Pelo rodar da carruagem...

Lisboa foi agora e mais uma vez campo aberto duma nova investida de boataria orientada e dirigida com intuítos bem fáceis de advinhar e compreender. Não vêem ou não querem ver os cultores da piada fácil de café que a obra da Revolução Nacional é uma obra séria, que está acima das intrigas dos grupos ou dos corrilhos porque tem uma doutrina e se ergue, resoluta, ante as conjuras dos interesses, porque é uma fôrça indestrutível.

Esquecem-se os que não descansam nas suas arremetidas que não há boato nem calunia por melhor urdidos que se não esfacelem contra a grandeza da fé dos portugueses na missão do Estado Novo, na confiança ilimitada em Salazar, o chefe que, tendo sabido levar o país à vitória admirável do triunfo sôbre si mesmo, sôbre os seus vícios e êrros passados pôde, e soube conquistar para a sua Pátria a consideração de todo o Mundo, o respeito de todos os povos.

Perante esta nova arremetida, felizmente, e como de costume, já perdida no mais rotundo fracasso, mais uma vez, no entanto, nos devemos convencer de que deve ser com o maior entusiasmo que todos nós, homens do Estado Novo, nos devemos empenhar na luta sem descanso contra as mentirolas fáceis dos seus inimigos. Tem de ser um combate individual constante, porfiado, em que ninguém, mas absolutamente ninguém, deve faltar com a sua colaboração.

Embora a boataria de nada valha nem possa meter mêdo a quem quer que seja, o certo, certo, é que ela nos revela que os inimigos de Portugal não descansam e tentam ainda nêste momento, sobremodo grave, em que em tôda a parte deve haver a mais sólida e forte união, criar uma atmosfera de desânimo, desalento e descrença, apoiando-se no que há de mais baixo na alma humana.

A tais intenções, que felizmente jámais poderão ir além de intenções, devemos nós saber opor todo o entusiasmo da nossa fé, tôda a nossa confiança em Salazar, que mais uma vez saberá conduzir o pais pelo caminho triunfal da vitória, que não será dêste ou daquele, dum ou outro grupo, mas de tôda a nação.

GIL DO SUL

Trincheira dum crente

O entendimento balcânico

Parece que as nações pequenas — vamos a ver — se estão agora defendendo melhor. Perderam o mêdo e o pavor. Procuram unir-se, criar, juntas, uma fôrça, diminuir as divergências que as dividem e robustecer a solidariedade, que o perigo tornou necessidade, defesa e instinto de conservação.

A união balcânica é, já, o resultado desta inteligência. Perante inimigos poderosos, que não hesitam, que não têm escrupulos, que só conhecem a lei da fôrça, para quem todos os métodos são bons e lícitos, desde que conduzam à vitória, tôdas as cautelas, tôdas as providências e tôda a conjugação de esforços se impõem e justificam.

A conferência de Belgrado é mais uma muralha séria e forte, que se levanta às ambições alemãs e russas.

O teatro da grande guerra pode para aqueles lados ser conduzido, mas perante a nova fôrça, decidida e consciente que se forja, os resultados esperados da surpresa e da desünião, não darão as vantagens satisfatórias que se esperam.

A Bélgica e a Holanda também estão unidas e prontas a defenderem-se mûtuamente. A Suécia e a Noruega, solidárias e irmãs, conjugaram melhor o seu entendimente e apertaram o seu auxílio à volta da heroica Finlândia.

Os neutros estão perdidos para a Alemanha.

Por trás dêles, em tôdas as emergências, estão a França e a Inglaterra.

* * *

A guerra, até agora, quási que se tem travado à volta da competição diplomática e económica. Pela diplomacia conquistam-se vantagens e pontos de apoio. Pela economia adquirem-se as matérias primas e os abastecimentos necessários à alimentação e sustentação dos exércitos e das rectaguardas.

O mapa europeu está cada vez mais definido e claro. Cada contendor sabe bem com o que pode contar. Ainda a única nebulosa é a Itália. A sua posição é de molde a não cair, nem para um lado nem para o outro. A não ser que a desajeitada e grosseira Rússia agrave e complique a situação.

Mas á Alemanha, a quem convém a confusão, não agrada inteiramente as irritações italianas. Portanto há-de aquietar o urso moscovita.

Estou crente que entre a Rússia e a Alemanha o entendimento é completo.

A Itália agradou o acôrdo balcânico. Tem trabalhado e trabalha para dissipar tôdas as dúvidas e obstáculos, De forma alguma, e com justa razão, quere a guerra ao pé da porta.

Afirma-se que a Primavera trás consigo as grandes e gigantescas ofensivas militares. Então vai começar a guerra.

J. Carreira

Calendários

— —

Recebemos mais três para o corrente ano, sendo um da Sociedade Portuguesa de Seguros, de que é agente nesta cidade o sr. Albano da Conceição; outro da Agência Comercial e Industrial de Aveiro, L.ª, rèclamando os produtos *Lusalite*, e o terceiro, oferta do sr. Mário da Cruz Ribeiro, viajante da casa H. Vaultier & C.ª, do Porto, com duas interessante alegórias sôbre a fundação e restauração de Portugal.

Os nossos agradecimentos.

Um epitáfio

—o—

Roger Roy, no *Gringoire*, propõe, para o túmulo monumental que Staline talvez nunca venha a ter na Praça Vermelha de Moscovo, o seguinte epitáfio:

Com a sua política — cobriu-se de baixeza.
Com o seu regime — cobriu-se de sangue.
Com a Polónia — cobriu-se de vergonha.
Com a Finlândia — cobriu-se de ridículo.

1940 — Ano Português

Nação-madre de povos e de terras, desenhador dos contornos da maior parte dos continentes do globo, por suas mãos arredondado, Portugal foi como aqueles robles gigantes que recomeçam à medida que se desdobram em novos ramos e espalham novas sombras. Como disse o Presidente do Conselho na nota oficiosa referente às comemorações centenárias, «Portugal não durou porque se furtou a viver; durou precisamente porque viveu — a vida intensa do soldado, do trabalhador da terra, do explorador do mar, do descobridor, do missionário, do portador duma doutrina e duma civilização».

São, pois, oito séculos de vida e não um sono de oitocentos anos que este ano Portugal comemora. E vai fazê-lo com um ciclo de festas grandiosas e uma série de realizações magníficas que atestarão ao mundo que a pátria do Infante D. Henrique, o homem que descobriu o mar, e de Camões, o poeta que o prendeu em *Os Lusiadas* como num búzio, continua na sua missão de nação civilizadora.

Se os povos felizes são os que não têm história, são felicíssimos sòmente aquêles que, no seu presente, encontram fôrças para continuar com orgulho e sem inveja a glória do seu passado.

Portugal, que goza hoje de plena saúde moral e de confiança absoluta nos seus destinos, pôde, por isso, preparar-se, altivo e alegremente, para festejar o oitavo centenário da sua fundação, os oito séculos da sua história, que foram, por vezes, marcos milenários da história do mundo.

No vasto programa de actos, solenidades, manifestações e comemorações, modificado e condicionado pelos acontecimentos internacionais, ocuparão lugar de primacial importancia três numeros que são como que a sintese dos oito séculos de história: o Congresso do Mundo Português, a Exposição do Mundo Português e o Cortejo do Mundo Português, ou sejam, respectivamente, a doutrina, a documentação e a apoteose, o texto de história, o atlas e o filme da projecção universal de Portugal.

Entre os grandes melhoramentos a inaugurar no decorrer dêste ano, figurarão como principais um aero-pôrto, uma auto-estrada, um estádio, um parque florestal, hospitais-escolares, bairros de casas para operários, diversos monumentos e a valorização e o engrandecimento de quanto representa em Portugal um padrão de glória ou de beleza.

As comemorações, que se pretendem sejam a *grande festa nacional*, interessam não só a Lisboa, mas à província, às ilhas adjacentes e a todos os domínios portuguêses. Independentemente das festas e obras que, incluídas no programa oficial, se realizarão em diversos pontos do país, efectuar-se-ão assim muitas outras celebrações em todo o império português.

E tôdas essas comemorações — dos espectáculos de arte às festas populares nos bairros típicos, dos cortejos grandiosos às edições de obras de divulgação cultural, das manifestações de actividade das fôrças vivas da nação à alegria do povo — afirmarão ao mundo a eterna mocidade do mais velho país da Europa.

já basta-nos a certeza de que não há em parte alguma do Portugal Maior quaisquer ideias separatistas, pelas quais possa perigar a integridade da nação. As afirmações solenemente feitas por parte dos indígenas e de portugueses de além-mar são a evidência mesma de tal facto. E se não podemos duvidar do lealismo dos portugueses ultramarinos, quer indígenas, quer brancos, tal lealismo foi fortalecido e tornado mais apertado ainda pelas viagens efectuadas pelo Chefe do Estado.

O futuro de Portugal está, sobretudo, no Ultramar. Posta em ordem a *pequena casa lusitana*, resta aproveitar os formidáveis recursos do Portugal Ultramarino, recursos que beneficiando-nos beneficiarão sobretudo a civilização de que os portugueses têm sido os mais estrénuos defensores.

Livros

Na próxima semana é posta à venda uma obra para o ensino liceal: Gramática destinada ao 4.º, 5.º e 6.º anos, volume com 312 páginas, e de que é autor o professor, nosso amigo, dr. Ferreira Neves, que tem ligado o seu nome já a alguns livros de matemática.

A edição é da livraria Sà da Costa, de Lisboa.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 3, o nosso amigo Gervásio Aleluia, da importante Fábrica Aleluia; *àmanhã fá-los a menina Julia Marques da Maia, a esposa do sr. Manuel Nunes Ramos, professor em Ilhavo, e os srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz e António Simões Cruz, guarda-livros dos* Armazens de Aveiro, L.da; *no dia 12, os srs. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de cavalaria 5; Floreano Lopes, residente em Malveira, e a interessante Maria Luisa da Paula Santos, filha do sr. alferes Luis da Paula Santos, actualmente em Malange (Angola): em 13, o sr. Julio Costa Júnior, residente no Porto, e os meninos Jorge Manuel e Fernando, filhos do nosso amigo Manuel Mano, funcionário dos correios e telégrafos em Lourenço Marques (Africa Oriental); em 14, o sr. Carlos Mendes, proprietário do* Jardim das Modas; *em 15, o menino Rui, filho do sr. Luis Vicente Ferreira, e em 16, o nosso amigo Américo Ramalho, empregado comercial.*

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Manuel Branco Lopes, 2.º tenente da Armada e filho do nosso amigo Francisco Pereira Lopes; José Nunes de Figueiredo, guarda-livros em Agueda; João da Cruz Novo, furriel-aviador em Alverca; António Lopes Oleastro, inspector de Finanças; José Robalo (filho) e esposa, residentes no Entroncamento e António Ramires Ferreira, aspirante de Finanças em Gois.

Doentes

Continua de cama o nosso amigo João Mota, que está sendo tratado pelo habil clinico dr. Humberto Leitão, que não tem abandonado a cabeceira do doente.

— Também guardam o leito com gripe os srs. Benjamim Fidalgo, vereador da Câmara Municipal, e Jeremias Moreira, comerciante local.

— Igualmente adoeceu a sr.ª D. Virgínia Trindade Salgueiro.

Muito estimamos que em breve se restabeleçam.

O Carnaval em Aveiro
quási passou despercebido

Mais um — o de 1940 — que se foi, que se sumiu sem deixar vestígios.

Pelas ruas foi completa a sensaboria devido, também, à chuva, que caiu com abundância, tanto no domingo, como na terça-feira. Por isso, tudo se restringiu aos bailes, realizando-se, no último sabado, o dedicado aos sócios da Companhia Voluntaria de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, e na segunda-feira o dos Galitos. Tiveram ambos farta concorrência, marcando êste, como de costume, sôbre todos os outros.

A ornamentação da casa, a cargo dos irmãos Amarais, muito elogiada.

* * *

Igualmente aos bailes públicos de domingo e terça-feira afluiu imensa gente, mas nenhuma máscara de espírito apareceu que despertasse interesse. É que a graça, foi-se; e a *verve* doutros tempos eclipsou-se de tal forma que há-de ser dificil voltar para substituir a monotonia de agora.

Enfim: transições da vida.

No Club Mário Duarte

Aqui, sim; teve foros de verdadeiro acontecimento social a festa-fantasia da noite de 3 do corrente.

A fachada do Club, como dissemos, foi caprichosamente iluminada pela firma *Ferreira, Pereira, & C.ª*, a escadaria atapetada a vermelho e aos lados vasos com plantas e muitas serpentinas a enfeitar e a caír em pingentes.

Os salões, que se tornaram pequenos para tantos sócios e convidados estavam lindamente ornamentados pelo sr. Sebastião Amaral. E o colorido dos vestidos das senhoras, que afluiram, da cidade e de fóra, e as mascarilhas que usavam, e o perfume das bisnagas, e o jôgo do confetti e serpentinas, e o entusiasmo de todos — tudo isso emprestou à elegante *festa-fantasia* do distinto Club da cidade um tal encanto que, afirmam-nos pessoas insuspeitas, em verdade há muitos anos ali não se presenciava.

Mas a grande, a magnífica atracção da festa, foi o solene acto da eleição da Rainha do Club para êste ano de 1940, acto a que presidiu o sr. Comandante do Regimento de Cavalaria 5, Teodorico dos Santos.

Apurado o resultado verificou-se sair eleita a Snr.ª D. Corália da Silva, gentil filha do distinto advogado da comarca de Anadia, sr. Dr. Virgílio da Silva, tendo, então, com uma prolongada salva de palmas, sido chamada a meio do salão do baile onde o sr. coronel Teodorico dos Santos lhe colocou na fronte o diadema e ao peito a medalha que lhe confere direitos de Rainha do Club em 1940.

Em seguida, pelo Presidente da Direcção, e em nome desta, foi-lhe oferecida artística pulseira de prata em relevos, fechando o acto da coroação com uma poesia lida pelo sr. Vaz Velho, da autoria de Paulo de Gouveia, e por todos os presentes repetida em estribilho e muitíssimo aplaudida. Enfim: uma noite elegante, com muita gente, muito entusiasmo e muita distinção, como se poderá calcular por esta lista da assistencia talvez, ainda, incompleta:

Engenheiro Almeida Graça, Américo Carlos Gomes Teixeira, dr. Alexandre Barbas, cap. António Rodrigues Morais, Gervásio Aleluia, tenente-coronel dr. Rodrigues da Cruz, Júlio, da Cruz Ferreira, Ricardo Campos Júnior, Duarte Correia da Rocha, Alfredo Osório, Joaquim Almeida Amorim, capitão Casimiro Marques, Manuel de Lemos (Sangalhos), dr. Gabriel de Faria, dr. Carlos Vidal (Costa do Valado), José Rabalo, Daniel Gomes de Pinho (Coimbra), Pompeu Pereira, dr. Camilo Cimordoin de Oliveira, Manuel Fernandes da Silva, Raul Marques de Sousa, Henrique Lemos, Fialho Vital, engenheiro Alfredo Barata, Luís Corte Real, Aristides Ferreira, dr. Virgilio de Almeida Soares, dr. Arlindo Pereira, major Cabral de Quadros, Amilcar Grijó, engenheiro Vaz Pinto, dr. Armando Seabra, dr. Dias Candal, Severo Saldanha, Manuel Domingues Simões Júnior, Alberto Gomes, António Pissarra, dr. Victorino (Sangalhos), dr. Manuel Figueiredo, Henrique Moreira Seabra, capitão Adriano de Carvalho, tenente José Oliveira, capitão Morais de Carvalho e ainda os srs. António Teixeira Veludo (Coimbra), Domingos Alberto Amorim (Coimbra), José Fernandes dos Santos (Coimbra), José Correia de Barros (Coimbra), Artur Avelino de Azevedo Calixto, Francisco Couceiro, António Gaioso Henriques, João Gaioso Henriques, Horácio Chaves Pereira, dr. Manuel Estêves, José Laranjeira Marques, Alberto Cunha Machado, Armando Sobreiro, Mário Simões de Carvalho, engenheiro Mateus de Lima, dr. António Peixinho, Virgilio de Almeida, Hermenegildo Pires, José Augusto Estima (Coimbra), Arnaldo Costa Neves (Coimbra), Manuel Luís Leite (S. João da Madeira), dr. Pedro Gonçalves, Alvaro de Carvalho Vilaça, dr. Cruz (Arrifana), etc., etc., etc.

Para fecho julgamos que é do nosso dever louvar a direcção do *Club Mário Duarte* à qual pertencem os srs. dr. Ferreira Neves, António Osório, tenente Gumerzindo da Silva e Laudelino de Miranda Melo, pelo feliz êxito da sua iniciativa, pois sabemos ter sido algo apreciada por quantos tiveram o prazer de a gosar, divertindo-se.

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 20 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da segunda Vara da comarca de Aveiro—primera Secção—correm éditos de vinte dias, contados da última publicação dêste anúncio, citando os crèdores desconhecidos, para, no prazo de dez dias decorridos o prazo dos éditos, virem deduzir os seus direitos na execução por custas e selos, promovida pelo Ministério Público contra os executados Maria Rodrigues e marido Firmino Rodrigues Pinheiro, do lugar da Presa, freguesia da Vera-Cruz, desta comarca.

Aveiro, 1 de Fevereiro de 1940.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Vitor

Definindo posições...

Está na ordem do dia a mendicidade.

O número de pedintes que diàriamente batem à minha porta deixa-me a impressão de que legiões f mintas vagueiam pelo país, de norte a sul, expondo os seus rostos patibulares, de tôdas as idades, à caridade particular do próximo. Indivíduos válidos, homens de meia idade, rapazes, e, raramente, velhos, constituem as fileiras fantasmáticas de tais legiões. E creio que a possibilidade que todos êles têm, como eu e como todos os que vivem do seu trabalho honrado, de arrancar da terra com suor e sacrifícios, naturalmente, o pão de cada dia, é um atentado contra todos nós sôbre quem pesam as responsabilidades civis e políticas de cidadãos.

O mendigo não tem certos direitos políticos e escapa a responsabilidades civis e administrativas do Estado. Sob os andrajos que ostenta, esconde-se, muitas vezes, o larápio que, de noite, vai assaltar a propriedade alheia.

Nunca foi tão numerosa e tão viril a *malta* de pedintes que, oriundos de Santa Maria de Todo o Mundo, se espalham da terra em terra como judeus errantes sem destino e sem programa... Paralelamente, verifica-se a quantidade de assaltos a casas particulares, a estabelecimentos comerciais, a igrejas, a escolas, e até a Câmaras! Basta ler com atenção os jornais. E ninguém descobre os autores dêsses atentados! Os mendigos desta índole deslocam-se com espantosa facilidade. Alguns dêles exercem, ora a profissão de mendigos, ora a de *vendedores ambulantes*, ora ainda a de *vigaristas* com jogos de vária ordem, ilícitos e, quási sempre, espécie de *conto do vigário*. Ainda há dias tive ocasião de confirmar êste facto. Viajava de camionete de minha casa para Coimbra. Quando entrei vi, já sentados e vindos de mais longe, vários meliantes dêsses que haviam pedido esmola à minha porta. Na altura falavam dum dos seus *negócios* que são êsses jogos. Um dêles puxou até por duas ou três cartas de jogar e por alguns pentes dos que empregam para extorquir a *massa* ao Zé Pacóvio. Pois alguns dêsses eram, daí a horas, *vendedores ambulantes* em Coimbra.

Depois, arrastam atrás de si um exército de infelizes mulheres que, por todos os meios, lhes conseguem dinheiro...

Estamos em face de vadiagem profissional a quem o trabalho enoja. É preferível, para ela, viver de negócios escuros, de roubos e da pedinchice, do que trabalhar honestamente, calejando as mãos!

A mendicidade está a tomar aspectos de problema nacional. O Estado tem de se interessar por êle. E, como se trata de homens válidos, na sua maioria, justo é que lhes seja impôsto o *trabalho obrigatório*, como outrora, em plena Idade-Média, fêz em Portugal D. Fernando.

Aí fica o alvitre. Oxalá que êle aproveite antes de um tal problema atingir maior acuidade, e antes de se principiarem a sentir os seus efeitos catastróficos, desmoralizadores e subversivos!

◇

Ali ao lado vive uma gente pobre. Um filho anda na escola, mas parece que a estupidez de que dá provas se eqüaciona com o antro sórdido em que vive. A filha, uma garota dos seus 13 a 14 anos, anda esfarrapada, cabelo desgrenhado, rosto sujo. Parece que nunca viu um pente e que o seu corpo não conhece água. No mesmo tugúrio vivem pai, mãi e uma velha, conhecida por *Maria Pequena*. Esta, nojenta, olhos sem pestanas roídos por uma conjuntivite crónica, dedica-se à mendicidade. Os netos batem-lhe. Nisso, contudo, nada mais fazem do que seguir os exemplos do pai e da mãi. Vivem todos em promiscuïdade. A casa não tem divisões. Daqui a dias vai nascer novo filho e tôda a *malta* presenceará a cêna... O buraco, a que chamam casa, é de tal ordem que as galinhas e até um pôrco vão, às vezes, ter com êles à ninhorça onde dormem! O pai embriaga-se freqüentemente, pelo menos todos os sábados e domingos. Aqui, em Antanhol, há mais exemplos dêstes. Todos o sabem. É para êles, para esta miséria social, que eu chamo a atenção dos senhores ricos nêste ano dos Centenários.

Se eu fôsse um publicista burguês, dêsses que se arrastam, franzinos e engomados, bonecos de feira, aristocráticos fantoches de balcão, por êsse mundo além, ignorantes do que é sofrer, descreveria uma cêna patética, própria para fazer chorar crocodilos. Mas eu prefiro dizer a verdade, sem rodeios, de frente, porque é assim que se encaram os problemas vitais da Nação e nós temos de arcar com êles visto que os temos em casa.

Confesso que o rapazito, tiritando de frio, cheio de bichos, até exala mau cheiro. E contudo é meu semelhante, um semelhante infeliz, a quem me esforço por iluminar o espírito obtuso, escurecido por ancestrais penúrias. Êste r a p a z, naturalmente longe, como centenas, milhares, de sens contemporâneos, do estado aparatoso da *Mocidade Portuguesa*, parece representante duma categoria de condenados da vida. Para êles não alvoreceu o mesmo sol que para os privilegiados! E, no entanto, estou convencido de que certos propagandistas desconhecem esta realidade. Salazar nem sequer a suspeita. Mas ao Ministério da Educação Nacional, já que outro órgão apropriado não temos, deve interessar a sorte dos que se encontram sob a sua alçada. Tenho a certeza de que o fará e por isso escrevo estas linhas que se lhe dirigem.

◇

Chove. Não tenho dinheiro em casa. Tenho frio, um frio aterrador que invade também os domínios da alma. Ás vezes chego a ter fome. E descreio. Mas que adianto com isso? Até no frio e na fome sinto, depois, a voz de Deus. E resigno-me. Ao frio sucederá o calor, à fome a fartura. Para todos Deus envia benesses, pois todos somos filhos da sua vontade omnipotente. E, se somos filhos, somos herdeiros, igualmente herdeiros, fraternalmente herdeiros, da riqueza que vai pelo mundo. Por que é, então, que uns usufruem tudo e outros nada? Acaso, alguém leva para a cova os bens do mundo?

Pobre orgulho humano! Irrisória ambição de *oiro*!

E continuo a ter frio. E continuo a ter fome! O trabalho que realizo, o trabalho de tôdas as sortes, moral, espiritual e físico, é impotente para esconjurar o mal!

JORGE VERNEX

Cartas a uma amiga de longe

Fevereiro, 1940

Querida amiga:

Nos tempos da minha Avó, era Mômo o imperador dum vasto império que, a-pesar-de efémero, todos os anos ressurgia — o Carnaval.

Eram três dias de animação delirante, nervosa e excitada da multidão em delírio. Eram os tremoços que partiam os vidros e feriam os rostos; eram as lutas titânicas nas ruas com pós de goma, que estragavam os fatos, atingidos por tôdas as mais porcarias que se encontravam à mão; eram as máscaras, que em bandos compactos, desfilavam sem cessar. E era fugir dêstes mascarados, que muitas vezes tapavam as caras, apenas com intenções malévolas.

À noite havia os bailes, onde mascarados e mascaradas, levados pelo ritmo longo da valsa, trocavam as mais ardentes palavras de amor ou teciam as maiores intrigas e as mais cruéis maldades.

Os anos, porém, foram passando e Mômo foi perdendo, pouco a pouco, o poderio, mesmo nos países onde era senhor absoluto durante três dias. E, assim, o Carnaval do Rio de Janeiro, êsse Carnaval carioca, misto de alegria e de loucura, que entontecia e excitava até ao paroxismo a multidão, época em que se gastavam mares de confettis e oceanos de dinheiro, até aí o Carnaval expira.

O Carnaval de Veneza... Êsse já morreu, até, talvez, porque na beleza das gôndolas, transformadas em lindos cêstos de flôres raras, houvesse um não sei quê de misterioso que amedrontava.

Os venezianos eram ciumentos e tinham a vingança pronta; por isso, muitas vezes, pequeninas intrigas amorosas eram pagas com um punhal que se enterrava num coração.

. . . .

E afinal, para quê o Carnaval? Para agitar as ruas? Elas têm já tanto movimento!... Para animar a mocidade? Para quê, se ela durante todo o ano tem tanta ocasião de se divertir! Para fazer passar um rasto de mistério? Temos o telefone à mão, meio muito mais prático do que uma máscara. Para fazer vibrar o mundo inteiro? Para quê, se êle vibra e duma maneira bem triste e receosa, quando à volta dum aparelho de rádio ouve as últimas notícias desta guerra abmindável?

Por isso podes morrer à vontade, ó Mômo. Para te recordar, temos as histórias das nossas avós, que guardam de ti uma recordação mais ou menos saüdosa e todos os escritos que sôbre ti se tem feito.

É sempre triste a velhice, vêlho Mômo. Por isso, sê antes uma recordação.

Um abraço da

Zèmi

Necrologia

MARIA LUISA

Quando na segunda-feira, à noite, chegámos de fora, ouvimos dizer, com pesar, que morrera a Maria Luisa. No momento não ligámos atenção ao caso; mas quando nos explicaram de quem se tratava, confessamos que também tivemos pena.

Maria Luisa era uma tricana de 54 anos, com traços ainda duma esbelteza que a tornou admirada entre nós sem que todavia se envaidecesse com isso. Vestindo a rigor o trajo da sua classe, modesta e m extremo, bastante educada e inteligente, a Maria Luisa, filha do falecido alfaiate da Rua Direita, João da Cunha, impôs-se sempre por uma irrepreensível conduta, não era dada a exibições, teve uma vida recatada e fazendo-se respeitar demonstrou absoluto desinterêsse pelas coisas mundanas, entregando-se simplesmente à administração e arranjo da sua casa.

Virtuosa Maria Luisa; como até na Morte conseguiste encontrar a pureza do teu supremo ideal!

* * *

Na Pampilhosa do Botão deixou de existir, a semana passada, o antigo professor e farmacêutico, sr. Manuel dos Santos Costa, cuja idade devia roçar pelos 75 anos.

O extinto deixou algumas publicações sôbre o ensino, plantas medicinais e a terra que lhe serviu de berço—Sôza—onde foi sepultado civilmente.

Exerceu durante alguns anos o cargo de presidente da câmara de Vagos e chegou a desempenhar, interinamente, as funções de Inspector Escolar.

O sr. Santos Costa era viuvo e deixa três filhos: a sr.ª D. Julia de Almeida Costa, ausente, com o marido, na Africa, e os srs. José de Almeida Costa, residente em Coimbra, e Firmino Brito da Costa, professor na Pampilhosa do Botão.

Agradecimento

Paulo Ramalheira, sensibilisado e confundido com tantas provas de amisade manifestadas a quando da morte de sua dedicada esposa, vem, por esta forma, manifestar o seu profundo reconhecimento às pessoas que tomaram parte no funeral e ao mesmo tempo pedir desculpa de alguma falta involuntária que haja cometido, devido a extravio de correspondência, ignorância de endereços ou por qualquer outro motivo.

Para todos, pois, que o acompanharam nesse doloroso transe, vai a sua eterna gratidão.

Aveiro, 7 de Fevereiro de 1940.

Agradecendo

A familia de Mário Duarte, deveras penhorada pelas homenagens prestadas ao saüdoso extinto, serve-se deste meio para agradecer a tôdas as pessoas e colectividades a parte que nelas tomaram, sensibilisando-a e levando-a a nunca esquecer essa prova de simpatia e consideração.

Fevereiro de 1940.

Matéria e espírito

—x—

Na existência irregular da humanidade existem duas faltas bem distintas e que, partindo da mesma origem, se afastam cada vez mais: a espiritualidade e o materialismo.

Enquanto que a primeira capricha em envolver-nos a vida de um pouco de romantismo, procurando tornar-nos sonhadores, a outra coloca-nos num golpe rude em frente da árdua e espinhosa luta que se chama rialidade.

Ambas elas são reclamadas alternadamente pelas necessidades da vida para a tornarem menos insípida, mais harmoniosa. E no entanto se o homem fôsse colocado na alternativa de escolher, êle ainda preferia, sem vacilar, a espiritualidade.

Não lh'o permite, porém, a vida de hoje. Ele esbarra, a cada passo, com matéria abrupta, descarnada.

Desde a adolescência até aos primeiros passos da sua carreira; desde a vida de boémia à conduta regrada; desde o lar à repartição onde trabalha, tudo rescende a materialismo.

Não encontra uma única centelha de romance que lhe adoce os dias dêsse labutar constante.

Mas não são só as coisas que o rodeiam, a emoldurar-lhe êsse quadro. São também as pessoas, a própria mulher, êsse ente que, com a passagem dos anos, se transformou num ser que para ser homem só lhe falta banir as saias.

Tanto o homem como a mulher perderam ambos. Mas incomparavelmente mais a mulher. Esta quer ser livre, pretende calcar os preconceitos, rasgar o romance da vida como livro sem valor. Mas julgando encontrar a felicidade, ocupando um lugar, que na verdade lhe não pertence, somente logrou a sua própria derrota.

O homem, que outrora lhe rendia homenagens de respeito e admiração profundas, olha-a hoje indiferentemente, servindo-se dela como objecto de uso comum e nunca como um símbolo de pureza e de ideal.

E' por tal motivo que hoje vemos com freqüência de espantar, uma coisa dolorosa e a todos os títulos bem triste: o namoro fácil, sem continuidade e quási sempre sem chegar a uma finalidade moral.

Século XX—século do progresso feminino!...

Viseu, 1940

ANTONIO TUDELA

Correspondências

Esgueira, 8

Realizou-se no último sábado o casamento da simpática tricaninha Esmeralda Henriques, com o sr. João Rodrigues Sanches.

Ao novo lar desejamos um futuro venturoso.

—Já seguiu, com a familia, para Sacavem, o nosso amigo Manuel Nunes Morgado, industrial de panificação naquela localidade.

—O inverno rigoroso que nos tem flagelado, contribuiu, mais uma vez, para que alguns caminhos se encontrem intransitáveis.

A falta de luz, depois da meia noite, continua a causar reparos, muito se fazendo sentir com êste tempo.

Não há direito.

C.

Costa do Valado, 8

Persiste o inverno em contrariar o trabalho da lavoura que, por isso, tem todos os serviços paralizados.

—O Carnaval não deixou saüdades senão, talvez, aos freqüentadores dos bailes.

—Noticiaram os jornais terem falecido ultimamente os srs. Manuel dos Santos Costa e Carlos Gomes.

Ambos foram farmacêuticos estabelecidos nesta localidade, exercendo o primeiro também o magistério até à aposentação e retirada.

C.

Consultório Médico
DO
DR. POMPEU CARDOSO

Doenças da bôca e dentes
Prótese e cirurgia dentária
Ortodôncia

Rua do Cais
AVEIRO

Curso de piano e
História de música
Maria Cândida Robalo,
diplomada com o curso superior de piano pelo Conservatório do Porto e professora inscrita no mesmo Conservatório lecciona solfejo, piano, acústica e história da música na sua casa ou na dos alunos, habilitando-os para exame.
Rua do Sol, 18 — AVEIRO

Fábrica Aleluia
Viúva e filhos de JOÃO PINHO DAS NEVES ALELUIA

Azulejos

Louças sanitárias e decorativas

AVEIRO TELEF. 22

Testa & Amadores

Comissões, Consignações,
Cereais, Ferragens e Mercearia
Vidraça
Depositários de petróleo e gasolina
SHELL
Rua Eça de Queirós
AVEIRO

Dentista Soares

Clínica dentária — Dentes artificiais
Ortodôncia

Rua João Mendonça
(Junto ao Banco N. Ultramarino)
AVEIRO

Pôrto

Rainha Santa

Registado sob o n.º 24.840

Da antiga casa
Rodrigues Pinho
GAIA—(PORTO)

A venda em tôda a parte

DE PRIMEIRA QUALIDADE

Açúcar, arroz, massas, bacalhaus, azeite e todos os artigos de mercearia, vendem-se na

CRISOLITA DE MANUEL VELHO

Rua dos Combatentes da G. Guerra, 34 (antigo cartório do Dr. André dos Reis)
AVEIRO

VINHOS FINOS E DE MESA
Recomendam-se pela sua qualidade absolutamente garantida

Depósito em Aveiro—Rua Tenente Rezende—Telef. 179

MERCANTIL AVEIRENSE, L.DA

RUA DO CAIS—AVEIRO

Casa fornecedora de materiais de construção — Cimento Portland normal **SECIL**

ARTIGOS DA COMPANHIA PREVIDENTE:
Pregos
Parafusos
Anilhas
Rebites
Arame
Balmases
Bisnagas
Brochas
Cápsulas para garrafas
Carda
Chapa de chumbo
Cravo para tanoeiro
Ganchos para cabelo
Lâminas de barbear
Rêdes de arame
Rêde mosqueira
Tubos de chumbo

Artigos de Pesca:
Anzois
Lonas
Cordas
Piche
Breu
Carbonil
Vertedouros
Remos
Linhas de pesca
Canas de pesca
Amostras para peixe
Sedielas
Chapeus de oleado
Botas de água
Correntes de ferro

Artigos de Marceneiro
Artigos de Carpinteiro
Artigos de Serralheiro
Artigos Náuticos
Agulhas de marear
Mapas das costas portuguesas
Mapas dos bancos da Noruega e Groenlândia
Ampulhetas
Réguas de cálculo
Bitáculas
Agulhões
Waith lights (fogos para sinais no mar)

Artigos de incêndio:
Extintores, mangueiras

Artigos de Lavoura:
Prensas para lagares
Artigos diversos:
Carvão de forja
Carvão de chauffage
Ferro para cimento
Ferro em chapa
Fôlha de flandres
Chapa zincada
Tintas
Motores

Representantes de:
Companhia Geral de Cal e Cimento **SECIL**
Jayme da Costa, Lt.ª
Companhia Previdente
Companhia Geral de Combustiveis
Fábrica de Fundição ALBA
J. Garraio & C.ª, Sucessores

Óleo de fígados de bacalhau SANTA JOANA

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 25 do próximo mês de Fevereiro, pelas 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e no inventário orfanológico a que se procede por óbito de Maria Nunes do Veu, que foi viuva, de Ilhavo, e em que é cabeça de casal seu filho Ramiro Nunes Ramizote, casado, marítimo, também de Ilhavo, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima do valor em que vai à praça, do seguinte:

Seis oitavas partes de uma casa terrea, pertenças e direitos, sita na Viela do Chocha, à Rua João de Deus, da vila e freguesia de Ilhavo, que vai à praça no valor de mil quatro centos e oitenta e cinco escudos e seis centavos (1.485$06).

Tóda a sisa e despesas da praça serão por conta do arrematante.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1940.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

Padaria

com mercearia anexa, trespassa-se em Ilhavo na Rua Mártires da Guerra Submarina, em frente ao Mercado. Tratar com Francisco Matos Dias na mesma, ou com Albano da Conceição nesta cidade.

PRÉDIO

Vende-se, em reconstrução, com rés-do-chão e 2 andares, sito na rua Mendes Leite—Aveiro.
Tratar com Pompeu da Costa Pereira.

Poupe dinheiro

V. Ex.ª precisa de fazer instalações eléctricas ou canalizações de água ou vapor? Dirija-se imediatamente à

Canalizadora Aveirense

onde encontrará todo o material aos melhores preços do mercado.

Encarrega-se, também, de tôdas as obras dentro e fora da cidade, possuindo, para êsse fim, pessoal habilitadissimo.

Visite hoje mesmo a

Canalizadora Aveirense
— DE —
ELIAS RIBEIRO DA SILVA
AVENIDA BENTO DE MOURA
Telef. 217 AVEIRO

Aos melhores preços!

Pólvoras de caça, cartuchos, buchas, chumbo, fulminantes, etc;
Navalhas de barba suecas e outras marcas, máquinas e giletes;
Mercearias, sementes de hortaliça, flores, bolbos e outros artigos, vende

A CRISOLITA
DE **MANUEL VELHO**
Rua dos Combatentes da G. Guerra, 34 (antigo cartório do Dr. André dos Reis)
AVEIRO

Consertam-se com perfeição e rapidez máquinas de cozinhar a petróleo

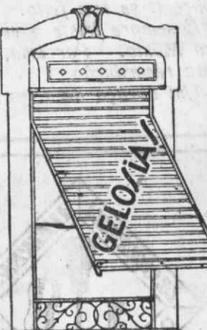
DR. JOAQUIM HENRIQUES
MÉDICO
Consultas das 16 às 18 horas
Aos sábados das 10 às 12 h.

PRAÇA DO COMERCIO
(Aos Arcos)
AVEIRO

STORES GELOSIAS

São o confôrto no vosso prédio, a defesa da sua caixilharia e de inegualável estética

Agente no distrito:
Francisco Casimiro da Silva
Móveis — Estôfos — Decorações
Av. Central—AVEIRO
TELEF. 107

GELOSIA

Dr. Dias da Costa Candal
MÉDICO-CIRURGIÃO

Clínica geral
Consultas todos os dias das 15 às 17 horas
Consultório e Residência
R. do Arco—AVEIRO

Doenças dos olhos
Consultas todos os dias das 10 às 12 horas
Avenida Central
(Próximo do Chiado)—AVEIRO

TELEFONE N.º 206

Dr. Abílio Justiça e Dr. Cunha Vaz

MÉDICOS ESPECIALIZADOS EM DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS—Em Aveiro, todos os sábados, no *Hospital da Misericórdia*, das 13 às 16,30 horas e em Coimbra, todos os dias na Rua Viscondeda Luz, 8-2.º, das 10,30 horas em diante.

A FECHAR

—E' verdade, mamã, que as orelhas grandes indicam generosidade?
—Sim, filho, generosidade da natureza aos falhos de inteligência, para que não haja confusões.

FARMÁCIA RIBEIRO

Costa do Valado

Aviamento de receituário, com produtos de primeira qualidade e o máximo escrúpulo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Especialidades farmacêuticas tanto nacionais como estrangeiras.

A. CRUZ

Fabricante da deliciosa lingüiça portuguesa

5876 Vallejo St. **Olimpic 4292**
Oakland—California

TRANSPORTE DE MERCADORIAS

Luis José Martins, residente em Esgueira, encarrega-se do transporte de todas as mercadorias em camionete, por preços vantajosos. Preferi-lo é poupar dinheiro. Telefone: Provisoriamente, cabine publica—Esgueira.

ARMANDO SEABRA
MÉDICO
Doenças dos ouvidos, nariz, garganta, bôca e dentes
Consultas das 10 às 12 h. e das 15 às 17 horas
Avenida Central
AVEIRO

Estabelecimento

Passa-se de mercearia e vinhos, próximo do Quartel de Cavalaria 8.
Tratar com Rubens Simões da Silva, no mesmo.

CASA

ALUGA-SE em Esgueira, com 1.º andar e rez do chão e ótima para negócio.
Tratar com António Fernandes de Abreu, Rua Dias Canarim—Esgueira.